

A Lia, no dia 14.7.03, disse que “o trabalho é coisa paralela à vida”. A Vera e eu combinamos de falar sobre isso. Hoje é dia 30 de abril de 2008, e nós ainda não falamos.

A primeira árvore da minha floresta foi feita com a argila que está num tonel nos fundos do jardim da minha casa. É um tonel de brasilit com tampa. Fica debaixo de uma árvore, no meio de bromélias. A chuva penetra através da tampa, deixando um espelho d'água em cima da argila. Não existe argila mais plástica do que essa, pois é feita de todos os restos de todas as argilas que uso. As argilas vão se misturando e envelhecendo juntas, sempre mais moldáveis.

Depois de modelada, a árvore já em ponto de couro, passei “escuro” em toda ela com um pincel bem grosso. “Escuro”, preciso explicar, é uma mistura de restos de óxidos que morro de pena de colocar fora, não ousar. *Mn*, *Cu*, ou *Co*, que foram esquecidos num potinho qualquer, misturados com algum vidrado, alcalino ou plumbico, com brilho ou opaco. Só depois da queima é que vislumbro o que possa ter sido. Depois passei uma segunda camada: meia colherinha de cobalto, meia de cromo, e uma de palha. Nem sei se ainda fabricam o “palha”, um vidrado branco opaco.

Isso foi no tronco. Na copa, inverti as camadas.

Na avaliação, que dei depois da queima, vejo só uma estrelinha.

Em Isaías está escrito: “Deus deixa em perfeita paz aquele que tem um propósito.”

Verlag Freies Geistesleben.

Eles estavam deitados abraçadinhos na nossa lareira, que era bem larga. Perguntei o que faziam lá e ela mandou que eu lesse. Ler significava comer uma torrada, só comendo a torrada que eu saberia. A resposta estava dentro da torrada... Eu comi e soube: eles iriam de muda para Paris.

Então, rodeada de anotações e cadernos, eu comecei a pensar: Com lápis Faber Castell 6 B, borracha Mercur Oval, e papel Tilibra- Organizer. Imagino conseguir, desse jeito, um espaço para a reflexão: quero aprender a lidar com as coisas só e soberanas. Não sei fazer isso.

A segunda árvore eu modelei com argila branca, estrangeira, não me lembro se americana ou canadense. Tanto faz, custa caro igual. Quando ainda úmida (ceramista fala no tal ponto de couro), passei novamente o escuro, ainda tinha um resto. O excesso sempre tiro com bombril. Para mim é muito importante que a argila apareça, não quero apagar a matéria. E aí usei os engobes rosa, regency purple 137 e grey, ambos da fábrica de tintas Duncan. Passo os engobes com um pincel farto, aliso com o polegar ou com um pedacinho de pano bem velho; também tiro excessos e, por fim, vem a pedra ágata que dá aquele brilho suave.

Penso que novos dias florescerão sem que eu tenha que plantar mais flores.

Li, de Kenzabure Oe, "Jovens de um novo tempo, despertai."

Volto a pensar hoje, mas primeiro vou regar o canteiro que fica no canto do atelier e que não pega água da chuva nunca.

Ela andava ligeiro, estava atrasada, ia para um casamento, toda arrumada. Saiu do portão da sua casa, e um pouco adiante, logo depois da esquina, apareceu na sua frente uma montanha de feno. Ela sabe que terá que atravessar essa montanha de feno. Dá os primeiros passos, e já afunda no feno macio. Mas em seguida, todas as luzes se apagam. A escuridão é total. Ela não sente medo, possuída que está pela maciez do feno. Pensa um pouco na roupa de festa que está usando, mas só um pouco. Em seguida escuta o ruído dos carros que vêm em sua direção. Também eles estão de faróis apagados. Ela pensa: eles não podem me ver, eles poderão me atropelar. Ela segue, assombrada. Ela não estava sozinha.

As árvores, eu vou fazer. O resto já está feito. Só preciso mostrar direito para que seja visto como eu vi.

Hands off, se fala.

Primeiro eu achei que seria um diálogo entre a cerâmica que eu fiz e as outras coisas, que se fizeram. Agora (hoje é dia 29.4.05), eu vejo que os trabalhos não dialogam. Eles convivem.

Diário e dinâmica da terceira árvore:

Comecei a terceira árvore com argila branca.

Cunhei a parte de trás da cabeça da boneca grande.

Acho que deverá ser uma árvore azul.

Bastante fálca.

Às vezes tenho medo de passar no meu caminho.

Vou ver as fotos do Felizardo hoje.

E quem sabe cortar o cabelo.

Em quatro de agosto de dois mil e seis eu embrulhei a terceira arvorezinha e fui para o Rio de Janeiro.

Ontem foi difícil.

Sonhei que alguém tinha tirado o miolo da fechadura da porta de entrada. Poderia entrar a hora que quisesse. Fiquei com muito medo.

A importância de um lugar para pensar, pensar. Só pensar.

Misturei duas medidas de *Cu* com uma de *Co* e duas de transparente mate (1742). Passei em toda ela. Retirei os excessos. E aí usei os engobes danish blue, jade green e ice grey. Duncan, Mayco, Duncan.

Como acabamento, bastante pedra ágata. A árvore parece de veludo.

Não quero mais me fazer de normal. Quero só ser.

Li "De amor e trevas", de Amós Oz.

Não devo esquecer o jeito como falei com ela. Isso me faz infeliz. Por que falo desse jeito? Porque acho que ela pensa que o que eu faço é puro luxo, distração para fazer passar o tempo. E não é? Não é, não é, não é. É sim. Mas é preciso. É só o que sei fazer.

Eles vão juntos a uma festa. Tudo vai muito bem até que ele encontra uma velha colega. Eles se abraçam, se beijam, choram de emoção. Ela o beija na boca, ele segue chorando. Na volta, em casa (casa quente e camisola confortável), ela sente o bicho se fazendo, engordando dentro dela. Ela cospe o bicho.

As coisas que se fazem por si seriam referências para o trabalho? Tipo: "*Spuren zur Arbeit*", pistas para o trabalho, um título possível. Enquanto eu limpo o barro, os passarinhos fazem seus ninhos, a secadora seca as roupas (é o filtro de ar da secadora de roupa que faz os feltrinhos), os cavalinhos de pernas quebradas seguem guardados na gaveta, e eu não deixo de registrar a luz do dia na hora da caminhada. Também não consigo jogar fora as pontas dos lápis que uso. É para não esquecer. Me pelo de medo de esquecer.

A quarta árvore ficou bem mais alta. Foi modelada numa base com ferro para se sustentar. Toda de argila branca. A misturinha de duas medidas de óxido de *Mn* e uma de transparente mate (1742) foi passada em toda ela. Depois, como segunda camada, um branco sujinho com corante turquesa e uma camada de samoa taupe da Duncan. Tirei o excesso levemente, e passei um corante azul no topo. No tronco passei amarelo e tirei os excessos. A Meg pergunta pelas raízes. Tirei argila do tonel no dia onze de agosto de dois mil e seis.

– Escuta a tua alma!, me disse o Paulo.

Stressdoron.

Pyrit Zinnober.

A Pina Bausch fala assim:

Quando começamos um trabalho, não há nada, só a companhia, nós, e a vida.

Ai, que maravilha!

Eu sei que não posso me entusiasmar demais porque daí me lanço e me canso. Depois fico triste, com vontade de chorar, meu centro me deixa, fico ao vento, sem saber. Não vou mais carregar grandes pesos porque não posso, não devo, me faz mal. É como se eu precisasse judiar de mim. Não, eu não quero nunca mais judiar de mim, nem de nada nem ninguém.

Quero férias de qualquer sofrimento.

Sempre sonho de novo com ela, sempre:

Nos encontramos assim, de repente, uma na frente da outra. Aí nos abraçamos muito forte, nos beijamos e nos afastamos para poder conversar.

Quando vou procurá-la?

Será que vou?

Primeiro pensei em fazer uma ante-sala para a cerâmica. Ela seria o centro da exposição. Mas tanta coisa foi me acontecendo na vida, que não queria mais nenhum centro. Os outros elementos me emocionavam muito mais. Emocionam-me muito mais.

Os ninhos, os feltrinhos, a luz de cada dia, os cavalinhos, quanto inho. Eles me dão garantia de permanência. E se fazem para mim porque eu os vi. E assim guardados são um antídoto para o esquecimento.

No dia 21.8.06, eu modelei a quinta árvore. Para isso, misturei, meio a meio, a argila do tonel com a argila branca.

Bem magrinha, ela tem 4 raízes, foi podada, mas tem algumas flores bem pequenas.

Não consigo imaginar a cor dessa árvore.

Outro dia, escrevi que estava gostando dessa arvorezinha.

Tenho anotado no meu diário que passei manganês por tudo. Nas florzinhas, engobe branco por fora e *terre de Provence* no miolo.

Por cima de quase tudo, ice grey. Da Duncan? Não importa.

Falta colar uma florzinha.

Meu irmão me tirou a culpa.

Minha filha me sugeriu ler "Suite Francesa", de Irène Némirovsky.

Visitei minha amiga de infância e fiquei costurando umas "droguinhas", como dizia a Mira Schendel. Adorei fazer droguinhas. Vou seguir fazendo, tirando assim do garbitch (com minha terrível pronúncia é assim que chamo *garbage*), as droguinhas. E aí comi iogurte, foi ótimo. E dormi. E sigo não sabendo do destino e da sombra. O carma ficou mais claro.

Venho da Tristeza, atrasada. Tenho um aluno me esperando. No caminho para casa, numa esquina, encontro a nossa panelinha de ferro com uma vela acesa. Eu havia colocado lá e pensei que seria roubada. Mas não. Vou pegá-la, quando um carro bate nela e ela sai rolando. Me apuro. Dou-me conta de que esqueci minha mochila. Chove. Na frente da casa de uma vizinha, está uma mesa de ferro com cerâmicas que parecem ser minhas. Chegando em casa, vejo minha

mochila pendurada no muro, molhada e aberta. Não faltava nada. Me cai um dente da frente, dos de baixo. Eu o guardo no bolso.

Voltando às reflexões:

Eu sinto que esses trabalhos que foram se fazendo têm uma amplitude imensa, cobrem em média 40 anos, quarenta! Dentro de cada ninho tem o canto de um pássaro que ouvi. Nos feltrinhos estão as nossas roupas. Nas pontas dos lápis, tudo que escrevi e tudo que não tive coragem de escrever.

Já em 18.7.03, eu tenho certeza de que a cerâmica e os *objets trouvés*, ou a luz de toda manhã, ou o que sobrou dos poemas não escritos não só convivem, mas se fortificam.

Nenhum trabalho veio antes do outro.

Nenhum é suporte para o outro.

Eles são.

A copa da árvore de número seis é um cálice.

Lembranças do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Vejo um navio passar.

Tenho uma grande quantidade de argila do tonel limpa.

Misturei muito bem o *Mn* com o *Cu*. Passei no tronco e nas raízes. Sempre tiro o excesso, não quero a argila escondida. De jeito nenhum.

Na parte externa do cálice, passei um engobe mais para verde-musgo e, por cima, jade green, da Mayco. Na beiradinha, forest green, da Duncan. No interior, um filete de harvest gold da Duncan, e limalha fina no miolo.

No dia 30 de novembro de 2006, eu faço uma observação: tomar mais e mais cuidado! E preparar cada passo seguinte. A cerâmica quebra tão fácil! Ai.

Foi no dia do aniversário da minha mãe que eu observei isso.

Minha amiga Tereza diz que tem sempre guardado um dom para as emergências da vida. Isso foi em dois mil e quatro.

Vi os bordados e aplicações de Nelly Ripoll.

Ele sacou, sacou que eu estava mal, e me disse que cuidaria de mim. Tudo que eu queria ontem era que alguém, alguém cuidasse de mim. Eu me sentia totalmente descuidada, abatida, sem roupa nem tempo, gorda. E quando ele, na hora do café, me falou que cuidaria de mim, eu senti um alívio imenso.

Havia sido total troca de pensamento. E ele falava sério, disse até que havia escrito sobre isso. Eu acreditei, havia tanta verdade no que dizia. Bem, fumei um cigarro.

Um dia sonhei que dei um caminhão de brinquedo de madeira para ele. Bem colorido.

Passei muito tempo ainda com essa vontade. Agora a vontade passou.

Meu plano era fazer 100 árvores. Mas quando eu tinha feito 25, minha mãe morreu. Perdi a vontade de seguir fazendo árvores. Para que mais árvores? Para completar o número combinado? Minha mãe levou consigo a minha vontade de modelar mais árvores. E isso eu respeitei, graças a Deus. Se a vontade voltar, respeito também. Preciso rever as vinte e cinco e fazer alguns reparos. Gosto muito de fazer reparos.

Para fazer a sétima árvore, no dia quatro de setembro, eu usei argila do meu tonel, mas usei a parte suja da argila. Para limpar a argila, passo tudo numa peneira. Daí ela fica lisinha, uma beleza.

Mas não joga fora a parte cheia de pedrinhas, folhas, e o que mais seja. Guardo-a igualmente bem enrolada num pano úmido, que, por sua vez, é enrolado em plástico. Assim se conserva.

De vez em quando, é muito gostoso trabalhar com essa argila. Modelei o tronco e, para a copa, cunhei o molde de uma meia abóbora minha.

Nesta sétima árvore, me dei conta de que poderia fazer árvores em pedaços, em partes, e depois emendar. Por que não?

Meu forno é pequeno, e eu queria árvores mais altas. Trabalhando desse jeito, quantas possibilidades:

Tronco e copa não precisariam ser da mesma argila.

O tamanho, muitas alturas possíveis.

Entrar com algum material diferente.

A descrição do que fiz nessa árvore está confusa.

Coloco três estrelinhas para a mistura que passo depois nela: duas medidas de *Mn*, uma de *Co* e duas de transparente mate 1742. Como sempre, tirei o excesso com bombril. Achei um resto de engobe claro que passei por cima. Nos gomos da copa, passei algum corante verde. No centro da copa tem um furo, mas acho que a árvore não quer mais nada. Está pronta.

Também finalizei três árvores que havia queimado.

A *Maerchenwolle* (lã dos contos) ficou bem na árvore de número 4; coleí uma florzinha da árvore cinco, a de quatro raízes; a árvore 6, que eu chamo de árvore cálice, precisou de um reparo na raiz.

Não mostro mais um pum meu sem curadoria.

Vi "A vida dos outros", com Ulrich Muehe.

Acho que tenho letra hoje, e isso me deixa bem contente. Que ontem a coisa estava bem ardida, letra nenhuma. Mas mesmo assim, rendeu. Minha letra está boa, devo estar bem.

Cabeça se confundindo de novo, a letra piora. Agora, abrir a casa, fazer café, falar com ele. Rever logo os meus programas da semana e riscar os tempos que quero deixar vazios para poder preencher. Sigo com coisas demais. No telefone, antes de dizer sim, rever a agenda com cuidado. Vou levantar e me esforçar para depois me sentir melhor. Acho que descansei e vou cuidar do descansado.

Na mão tenho bichinhos de pano encharcados e procuro um lugar ao sol para secá-los.

E estes cavalinhos, que quero mostrar. Ainda não sei como fazer para que sejam vistos como eu os vejo, há tanto tempo.

Fico contando historinha, imaginando um armarinho para eles. Um altar na quina da parede. Deixá-los em cima do quê, já que não param mais de pé? Em cima de veludo? De areão do jardim? Em 29.1.04, eu escrevo que os cavalinhos vão dentro de uma caixa de vidro. Como num ataúde.

Em 6.5.05, eu escrevi:

Importante: deitar os cavalinhos numa caixa com areão do nosso jardim...

Gostaria de mostrar os cavalinhos. Ponto. Nada de armário, gavetinha, areão, altar, veludo, vidro. Nada mais do que eles. Que os cavalinhos sejam capturados num único olhar. Colocá-los num nicho, só isso?

Montei o tronco e a copa da árvore número oito com a argila do tonel, bem limpa.

Penso que poderá ser uma boa técnica ir modelando aos pedaços e depois colar as partes.

Enquanto modelo a árvore oito, guardo a cinco prontinha no armário e vou para o Rio de Janeiro.

Dia 21 de setembro de 2006, estou de volta e sigo trabalhando na árvore número oito.

No tronco, a misturinha de sempre: *Mn*, *Co* e 1742. Tirei o exagero, e aí passei a pedra ágata. A argila bem limpa e lisa pede a pedra ágata, que lhe dá um brilho bem natural.

Na copa, primeiro forest Green, da Duncan, muito bombril para tirar todos os excessos, depois um jade green bem fraquinho e mais bombril nas beiradas; mais um pouco de *terre de Provence* e, por último, a pedra ágata.

Como resultado, coloquei três estrelas; é a nota máxima que costume dar.

Cada vez que eu pensar nisso de novo, preciso deletar com urgência. Senão o sol empalidece.

Li "Fora do lugar", de Edward W. Said.

Hoje. Hoje, antes de amanhã. Amanhã, depois de hoje. Hoje o dia é curto porque tem a lide das segundas, tem o preparo para a geléia. Mas também preciso fazer as unhas. Mas quem sabe eu consiga fazer a geléia e as unhas ao mesmo tempo. Porque dá para controlar o ponto da geléia e colocar pés e mãos de molho. Eu acho que consigo.

Sonhei que minha filha havia se mudado para a sala com todas as coisas dela e das crianças, berço, cômoda, tudo. Ficou muito lindo, mas eu tive que dizer para ela que voltasse para o quarto. Ela ocupava o centro da casa por inteiro.

A beleza da arte não muda a dor da vida.

A Bourgeois diz que os artistas se repetem porque não têm acesso à cura.

E eu acredito na ressurreição da manhã seguinte.

No dia 21.9.06, eu montei a nona árvore. Com argila limpa do tonel do jardim. Gostei dos riscos que fiz com a unha, de baixo para cima, e das bolinhas de argila que imprimi. Deu um volume irregular, mais solto.

Imagino a árvore nove azul. Ela tem cara de azul.

Ao modelar a número nove, fiz também três prováveis copas.

No tronco passei um verde que fiz, e um turquesa que fiz também.

E uma mistura de *Cu* com vidrado 060 em pó.

Comprei uma máquina de fazer pão.

Na copa, passei primeiro a mistura de *Mn*, *Co*, 1742. E um turquesinha por cima.

Já se passaram quase dois anos desde que fiz essa árvore...

Escrevi que passei na copa, por fora, nessa ordem: regency purple 137, da Duncan, *terre de Provence*, pedra ágata. Desenhei com ponta seca folhas e, nas ranhuras, coloquei *Mn* e *Co*; tirei o excesso do escuro, o que fez o regency purple aparecer mais. E, por fim, mais pedra ágata. Mais uma árvore que recebeu três estrelinhas na minha avaliação.

Quero mexer mais em mim. Sinto tudo cristalizado como figos açucarados num vidro bem fechado.

Li “Carta a D.”, de André Gorz.

Ontem eu quis controlar a vinda do furacão e me defender para não cair no olho dele. 18.7.03.

Parece que só escrevo sobre a superfície, de como ela se encontra e o que dá para fazer, a fim de que fique com brilho novo.

Eu já disse que só posso seguir pensando o meu trabalho se eu me levar a sério. Acho que é sim um grande projeto, e acho também que eu preciso me livrar dele. Meus armários ficariam vazios novamente, e prontos para acolher ou não uma nova idéia. Mas falta dar corpo para as de agora.

Ela apareceu com os dentes bem brancos, clareados, imensos, e falava ainda mais e mais alto. Ocupava todo o espaço. Foi bem horrível para mim.

Fazendo coisas, crio memórias que me faltam? Memórias que perdi? Como faço as escolhas? Um dia, em julho de 2003, eu anotei num caderno que queria entender de critérios. Critérios que desdobrariam esses objetos subjetivados por mim. Anotei bem assim:

Ler sobre critérios, sem falta!

O tronco da décima árvore foi feito com a argila vermelha canadense com chamote. Chamote média, mais para fininha. O tronco é aberto em cima. Penso em aproveitar alguma copa que

sobrou. No tronco passei Cu e mate pergaminho CMF 071. Depois Bombril, para que a argila transpareça. Não gosto nunca de apagar, de tapar completamente a argila. Já falei isso muitas vezes.

Nas pétalas, passei sandalwood (Mayco Ug 17) e deixei sujar com o óxido. Quebrou uma pétala, mas não sei se vou colar.

Se eu não tivesse o Jorge para conversar, eu não seria.

Ergebnisgebet, de R. Steiner.

Junto com essa árvore, o Olívio foi para o segundo turno.

Sinto-me pequeninha, quero ficar quieta, só fazendo.

Uma coisa é estar sozinha, uma outra é estar recolhida em si.

Não esquecer:

comprar um chambre novo,

usar a casa toda para mim,

registrar o canto matinal do passarinho

e comprar mais xarope.

Eu estava passeando com a minha prima no jardim quando encontrei, num monte de areia, um par de brincos, um broche e um anel. Todos com a mesma pedra verde-clarinho. Eram dela. Minha prima falou que fazia bem às jóias colocá-las na areia.

Na página 26 de um livro, eu li:

“Nada es más terrible que intentar aproximarse a una condición cuya trama está hecha de la más aterradora sencillez”.

Todos os ninhos são do nosso jardim. Todos eles um dia caíram de alguma árvore. Fui juntando. Só falta um na minha coleção, porque minha filha me pediu para dar para o marido dela. Isso foi em 2003.

Meu neto me ajudou a contar os ninhos.

Eu não fiz, podem me olhar.

A décima primeira árvore eu fiz de argila branca, todinha. Atarracada, grossa e com frutos grandes e redondos. Toda a árvore, menos as flores, receberam *Cu* e mate pergaminho CMF 071. Tirei o excesso e depois passei um verdinho-escuro, um azul-claro e o jade green. Nas flores, o burnt orange, depois o *Mn ++* (não sei o que esses ++ significam). Decidi fazer uma segunda queima, colocando vermelho cristal nas flores.

Tirei as árvores 7 e 8 do forno. A 7 é muito simples, o cobre brilha, sozinha é pobre, perto de outra, valoriza a outra. A árvore número oito ficou muito bem, a cor da copa ótima.

A número nove tinha uma bela bolha, desprenderam-se pedaços, passei um óxido escuro nas rachaduras e vou queimar de novo.

E por que não vou na vidente da Vera?

Li "*Lotte in Weifmar*", de Thomas Mann.

Voltei do Rio de Janeiro. Fiz meus 65 anos e foi um dia de grande alegria e de imensa gratidão. Isso foi em outubro de 2006. Tem uma amiga que, de vez em quando, me acha muito engraçada; tem uma que não entende por que não pinto uma mechinha azul no cabelo...; outra nunca esqueceu que um dia fui com ela de

ônibus para Novo Hamburgo; tem a que diz que crio códigos entre amigos; que penso em alemão; que uso roupas folclóricas, mas não pareço hippie velha; tem uma amiga que observou que quando não quero continuar um assunto, simplesmente digo basta!; espanto uma delas porque preparo os presentes de Natal em setembro; tem a que me inveja pelo meu cão branco, doce, lindo (na verdade, nesse momento em que escrevo, ele não vive mais, ele morreu no dia 9 de fevereiro de 2008), e ele não era branco, mas dourado, e se chamava Sushi; a outra sente inveja pelo casaco de cabra branca que a Constança me deu; uma diz que sei desviar de assuntos escabrosos; que me entoco em POA; e aquela que gostaria que eu fizesse mais churrascos no verão (só fiz um); e tem uma que gostaria que eu andasse a cavalo com ela!?!; tem a que diz que sou fiel; que consigo sumir; que sou contadora de casos; e indignada, minha prima pergunta: *How can she love european winters?*

Segui limpando argila amarela e do tonel. A argila amarela é de Santa Catarina e eu tenho um amigo que me traz.

Hoje eu não sei. Hoje precisa passar.

Amanhã descreverei o dia de hoje.

Ontem eu não escrevi, mas me fez falta. Eu tinha dito que a hóstia que tomei no sábado duraria para sempre. Nada disso. Eu sempre pensava: só vou tomar a hóstia no dia em que eu sentir que mereço. Pensei que estava no caminho.

Sonhei com uma tia, que estava morando numa casa nova com janelões e portas para o mar. De presente, levei uma jarra de cerâmica, superlinda. Ela, a tia, já estava bem no fim da vida. Pensei: nem vai aproveitar a jarra, nem devia ter dado. Devia ter ficado com a jarra

para mim. E eu sabia que minha tia gostava muito mais da outra sobrinha. Ela tinha razão para isso.

Agora vou contar como surgiu o trabalho “Morandi”:

Um dia, neste verão, cheguei no calçadão de Ipanema, para a minha caminhada de dia sim, dia não, quando vi este medidor de nível de água. A forma simples e as cores do dia me lembraram um Morandi. Bem, Morandi me lembra minha amiga Marilene, sempre. Aí falei pro Jorge: preciso tirar uma foto e dar para O. L. No dia seguinte, parei novamente na frente do Morandi, mas desta vez observei a mudança de luz. Tirei uma foto. E tentei não me esquecer mais da máquina em casa, para seguir testando. Meu encanto só aumentava. Cada dia era diferente. Passei a registrar. Eu estava documentando a luz do dia. Mas como mostrar? A primeira idéia que me veio foi de uma tira bem longa, um Morandi do lado do outro. Mas eu não estava satisfeita. Já vi muita tira de coisa igual, quase igual. Me cansa.

Uma madrugada, foi hoje, dia dezenove de junho de dois mil e oito, pensei novamente nos Morandis. A minha questão era com a luz, apesar de estar também registrando sempre o tempo. E aí pensei nas estações. E a idéia de agrupar por estação me pareceu a melhor solução. Agrupando, eu tiraria a concretude de cada dia. A imagem de cada estação teria um ar mais abstrato. Um certo alheamento, uma distração. E quem sabe assim a luz estaria mais presente. Porque o que me interessa, todas as manhãs, é a luz. Não o medidor, o lago, a outra margem, a fumaça da Aracruz, a areia, as ondas, etcetcetc.

Rosa Traumwolle in den 10. Baum.

O Fávero me deu um paninho bem, bem velho, e eu vou usar a técnica de presépio da tia Gisela para dar corpo ao pano. Imagino um tronco amarelo, tendo a copa feita deste pano.

As florzinhas da árvore 11 não ficaram vermelhas como (combinado) eu pretendia, mas gostei muito do resultado.

Finalizei reparos no tronco da décima árvore. Gosto tanto de reparos...

Em 2.11.06, eu montei a décima segunda árvore com argila amarela de Santa, bem limpinha. Custei a conseguir o que queria. Custei a ficar satisfeita, melhor dizendo assim. Porque, na verdade, eu nunca sei bem o que quero.

A primeira camada que passei no tronco foi de *Mn* (duas medidas), *Co* (uma medida) e 1742 (duas medidas). Tirei o excesso dos óxidos. Depois passei uma mistura verde-escura, acho que com cromo. Aí sim, usei muito bombril. Por cima, mais uma camada de *Mn* e *Co*. E aí, novamente, bastante bombril para que o verde reaparecesse.

Na copa foi engobe branco, jade green e lixa. Mais *Cu* e 060 em pó nas ranhuras, por dentro e por fora.

Aos 200 graus, esta árvore explodiu no forno. Mas eu vou retocar e colocar alguma coisa no oco dela. Uma princesa? Um gnomo? Uma bruxa?

Vou contar para ele, hoje cedo no café. Vou contar tudo. Eu sempre tenho que contar tudo para ele.

A pessoa que vive a sua vida como quer não se mete na dos outros.

Estou lendo “Ver: amor”, de David Grossman.

Ende Maerz. Guten Morgen. Rodeada de tantas coisas e mais o gatinho.

Quem sabe recomeçar a escrever.

O que tu achas disso, mãe?

Se tu achas que é bom para ti, minha filha, então escreve.

Quanta saudade, quanta. A volta para casa (do hospital), sempre exausta, vazia, triste. A janta, ilha de revitalização. E o recomeçar do outro dia, muitos dias. Não tive paciência que chega, é o que me parece. Minha mãe teria achado que sim. E agora preciso seguir sem ela. Agora vou fazer brincos do teu anel, mãe, e usar sempre.

Ela me mostrou uma toalha toda preenchida com ponto-cruz bem pequeno. O fundo era de um vermelho bem quente, mais para escuro, vermelho sangue?, antigo, um pouco desbotado. E por tudo, motivos em todas as cores imagináveis, cores fortes, vibrantes, luminosas, que saltavam do fundo. Era uma jóia.

Para mim é muito difícil simplesmente mostrar coisas já prontas, coisas que nem fiz, que se fizeram sem que eu tocasse minhas mãos. Coloquei meu olho nelas, intuí que poderia ordená-las com todo o meu ser. Mas esse jeito de criar me é estranho. Junto sempre o criar ao fazer. Tudo que eu faço é com as mãos, eu seguro nas mãos.

6.11.06: arvorezinha número treze – mixérrima.

Por cima de toda ela, passei regency purple, um azulzinho meio turquesa e um pouco de *terre de Provence* nos miolos das flores.

Não fomos para o Rio, Tomtom está doente.

Vejo um navio passar.

Amanhã modelo a décima quarta árvore.

O.L. fala na subjetividade de cada um, que deve não só ser aceita, como amada, e que dela se tire o máximo. Isso me comove.

Pela primeira vez li poemas de Emily Dickinson.

Desenhar só não vale. Só valem as palavras. As palavras que geram ordem quando escritas com a nossa mão-letra.

Ele me disse que a maior riqueza que ele possuía era o amor que tinha por mim. Ele falou bem assim. E eu guardei dentro de mim.

Será que eu deveria fazer umas luzes no meu cabelo?

Acho que sim. Ficaria melhorzinha, menos ratinha.

Do ralo do velho banheiro, queria sair um homem. Ele era um monstro. Quando eu ia no banheiro fazer xixi, eu escutava as batidas de martelo que saíam do ralo. As batidas ficavam sempre mais fortes. Um dia, enquanto eu olhava para o ralo, um cano, do qual esguichava água, veio em minha direção. Eu corri.

O que eu gosto na cerâmica é a questão do tempo. O material me proporciona diversos momentos e, em cada estágio, possibilidades diferentes. A convivência longa com o material me atrai muito. Não gosto de nada que ligeirinho fica pronto. Gosto de morejar. A argila responde ao mínimo toque, que, por sua vez, fica registrado. Se queimado, é para sempre. O contato direto com o material: podemos trabalhar o barro só assim, o barro e o nosso toque.

Eu não sei quanto tempo leva um passarinho para construir o seu ninho. Preciso perguntar para alguém.

Modelei um tronco, o tronco da árvore 14. Usei a argila do tonel, bem peneirada. O tronco é simples e elegante, esperando uma copa. Modelei uma copa em forma de tigela com a argila amarela, mas só a parte “suja” da argila. Uma tigela, bem, bem simples. Na tigela eu poderia colocar flores. Flores soltas. Bem cheia de flores, como aquela lata de sardinhas (do Memorial II), cheia de peixinhos.

Em 8.11.06, eu anotei que passei um marrom-telha (que não sei o que é) no lado externo da copa-tigela e um pouco de *Mn* e *Co* bem de leve por cima. Passei bombril, e depois *Cu* na beirada fininha da copa tigela. Fiz sementinhas com argila do tonel e outras tantas com argila vermelha canadense. A idéia das sementinhas veio lá da tchácara. Passei óxido escuro nas ranhuras das sementinhas.

Tem coisas que eu escrevo e que me dão enjôo no estômago. Vou cobri-las com paninhos coloridos e enfeitados.

Li “Relembraimentos”, de Vilma Guimarães Rosa.

Eu dizia que não queria mais nada, só isso. Claro que não era verdade, porque botei pulôver novo com broche combinante, madruguei para tomar banho e lavar os cabelos. Quando já estava no carro, me lembrei que havia esquecido um perfuminho... E aí ainda dei graças a Deus. Teria sido demais, o que pensariam de mim? Mulher cafona que põe perfume de madrugada!

Um dos sonhos mais lindos que tive na vida foi com o saleiro da minha avó. Ele era grande, era lindo e transbordava de sal.

Não sei onde ouvi, mas um dia vou me lembrar: “Toda a idéia que, em ti, não se torna um ideal, mata uma força em tua alma; toda idéia, porém, que se torna um ideal, gera forças vitais em ti”.

Acho que foi a Dra. Gudrun que falou.

O tronco número catorze é elegante, recebeu 3 estrelinhas. Misturei *Mn* e *Co* com o vidrado 1742 e passei nele.

Fiz as sementes.

Queria ver mais cerâmicas de José Vermeersch. Mais.

Não sei onde foi parar a árvore número 15. Sumiu.

Em 13.11.06, montei a número 16. Parti o tronco em duas partes. Misturei a argila do tonel com a amarela de Santa, ambas bem limpas. Quando digo limpas, quero dizer que passei tudo num coadorzinho de chá... Ai. Olhem só para o meu polegar da mão direita como ele ficou!

A pessoa que está bem é imune.

Estudar Coenraad van Houten.

Fui fazendo uma tarefa depois da outra, sem parar. Vendo, às vezes, pirilampos brilharem no jardim. Numa das idas ao hospital, acho que foi na primeira, bem cedo de manhã, ainda no escuro e eu de jejum, aos pés da bergamoteira, todos brilhavam. Eu nunca tinha visto algo parecido. Muita luz me mandavam esses pirilampos que não vou esquecer. Nunca.

Chove muito, e os trovões trovejam. É bom. Depois faço café.

Um dia sonhei com o anel de noivado da minha sogra. Num outro, com um pequeno guarda-sol de cabo verde.

Volto a pensar nos ninhos, como mostrá-los. Passaram a ser meus no momento em que caíram das árvores e eu os juntei. Foi quando perderam a sua razão de existir. Não mais seriam usados pelos passarinhos. Tornaram-se casinhas sem vida que eu quero mostrar para as pessoas. Primeiro pensei em colocá-los num canto da sala, todos juntos, lado a lado. Nada a ver: não daria para observar a construção deles, os estilos diferentes, os materiais usados. Depois pensei em prateleiras. Também desisti. Prateleiras pedem xícaras. Agora, hoje, dia 2.6.08, acho que vou colocar cada ninho numa caixa de acrílico, cada casinha sem vida para si. Como sendo um objeto de museu.

As árvores 12 e 13 quase derreteram no forno. O pirômetro estragou (desregulou) e foi a mais de 1.000 graus. E eu não queimo “em alta”.

Fiz as couves para a Cristina.

As árvores 14 e 16 ficaram muito lindas. Acho mesmo que preciso fazer mais e mais e fazê-las em pedaços para conseguir mais formas, depois colar os pedaços com araldite, e depois durepoxi, por que não?

Em 23.1.07, eu montei a árvore número dezessete.

Usei argila branca e fiz em três partes, a primeira mais larga, a segunda mais estreita, e a copa. A copa tem furinhos pelos quais vou pendurar pingentes de argila vermelha. Já vou adiantando que isso não deu certo. E que essa árvore, na verdade, foi feita em quatro partes. Estou muito satisfeita. Eu precisava que minhas

árvores crescessem. Eu precisava muito disso. Acho que muitas outras árvores vão surgir. Que paz isso me dá.

Como quase sempre, passei a misturinha de *Mn*, *Co* e 1742 nas quatro partes da árvore. Sempre tirando o excesso, para trazer de volta a argila. Alinhei as partes do tronco e pinteí tiras com yellow e white. Entre as tiras, esfreguei terre de Provence e, na primeira parte, ainda esfreguei um verde com cromo. Cuidado com o cromo!

Na copa, jade green (da Mayco) e mais dois verdes que fiz, um médio e um forte. Pouco bombril e *terre de Provence* bem esfregadinha para fazer uma ponte com o tronco. Ainda tenho duas fraldas do Klaus, bem velhinhas; elas servem divinamente para esfregar os óxidos e dar brilho.

Quero ver se hoje, depois de tanto tempo, eu escrevo uma carta para ele. Assim retomo e explico as coisas para ele e para mim.

Vi “Estamira” com a Adelaide, 22.11.2006.

20.1.07 – feira, vila, super, Klaus.

21.1.07 – culto, queima, Klaus.

Ajeitei os paninhos das quintas-feiras. Isso significa que todas as quintas eu tomava o Trensurb e ia passar o dia com minha mãe no Lar Moriá em São Leopoldo. Então, eu recortava pedaços de tecidos e levava já escolhidos numa latinha, e lá juntava. Ela gostava muito de me ver costurando. E a conversa fluía mansa. Chegou o dia em que ela quase não conversava mais, e me dizia: é tão bom só olhar para ti. Isso tudo acabou. Estou sem.

Jorge fez salada maravilhosa para a janta.

Mostrei meu canto de costura. Me escancarei, o que tento tanto não fazer mais, nunca mais. Mas fiz de novo, e me chateei. Apesar de saber que estava fazendo ao fazer.

Ontem me vi muito mandona na casa do meu irmão (25.5.03). Visitou-me a sombra, das mais antigas, das mais poderosas. Veio. Não veio, baixou. Elas voltam, parece que não tem jeito. Ficam apagadinhas em algum canto, parecem mortas, mas não. Respiram.

Ele matou uma moça, sem querer, mas matou. Era a atual namorada dele. Eu o desculpei, era uma vingança minha. Tudo muito horrível. Aí, de tanto medo, me abracei no meu amor e a gente sentiu um tesão enorme.

Mais um pouco sobre os ninhos. Eles são assimétricos, irregulares, livres de uma forma perfeita. São simples e austeros, misteriosos e silenciosos. Eles são zen.

Pena, nas minhas mãos, viraram objeto.

Mas olhando bem para eles, sentimos o tempo-trabalho neles concentrado, o canto lá deixado.

A árvore dezoito ficou forte, expressionista, mais ou menos 45 cm. Penso em pintar a argila branca com a *terre de Provence* misturada com um transparente opaco, depois esgrafitar e colocar óxido de *Cu* ou *Mn* com *Co* nas ranhuras. Pode ficar muito bem. E usar vermelho cristal como lápis para desenhar numa segunda queima e ir até 800 graus. Grande efeito. Coloquei três flores que eu tinha prontas no gargalo do tronco. Não combinou. Fazer outro tronco para as flores. Mas ainda sobrou algo de gargalo que

quero resolver. Mas não sei como. Nada de lãzinhas e paninhos, não posso tirar a força do todo.

Então quem sabe eu tente pelo menos não pensar o que ele poderia estar pensando.

Li "*Beim Hauten der Zwiebel*", de Guenther Grass.

Vinte e quatro de maio de dois mil e sete:

Kalt, grau, schoen, und gut.

Ontem foi tão importante.

Conversei bem com o Jorge.

Escrevi, me acalmei já antes.

Planejei minha exposição.

Mandei e-mails.

Comprei o quadro de O.L.

Me senti forte.

Fui na Marta.

Tomamos sopa com a Dóris.

Caí dura na cama.

Fui pilotar pela primeira vez um avião. A aeronave estava estacionada num hangar coberto, no meio de muitas outras aeronaves. Subi no avião e me sentei à espera do instrutor. Mas mal eu me havia sentado, todas as luzes do hangar se apagaram e o avião entrou em movimento. Andava para um lado, para o outro, para frente, para trás, dava voltas. Tentei travar o avião, mas, mesmo puxando a alavanca com as duas mãos, eu não conseguia. Queria gritar por socorro, mas as janelas eram totalmente vedadas.

Eu pensei: as asas da aeronave vão bater em tudo e destruir tudo. O avião se movimentava sempre com maior rapidez. Eu estava sozinha.

Ordenando essas coisas, guardadas depois de achadas, primeiro vistas, parece que eu coloco ordem na minha vida também. E essa ordem, por sua vez, me dá forças para viver o dia de amanhã.

São gestos dos mais cotidianos que dão conta deste fazer, e são os objetos mais humildes que me fascinam.

Vê-los depois fora do seu habitat natural, salvos da lata de lixo, isso me faz muito bem. Parece-me até que salvo um pouco do mundo desse jeito...

Como diz a Clarice, “quero não o que está feito, mas o que tortuosamente se faz”.

A árvore 19, que fiz em 24.5.07, tem um tronco com textura bonita. Me alegro hoje em pensar que fazia árvores nessa época da minha vida. Muito esbranquiçada, tem apenas corzinhas, bem lavadinhas, que vou respeitar.

Quero pensar em troncos, em galhos, em folhas, em visgos, em raízes.

Abrir os braços/galhos. Embutir os galhos?

No dia 28.5.07, o Klaus me ajudou muito: colocamos bombрил nos buracos da copa da árvore dezenove. Já tirei os tufos e sigo pensando no que vai no lugar de.

A ressurreição do dia de hoje é minha.

Vi “Saraband”, de Bergman.

E a parte da escrita tem que fluir bem porque ela é importante para mim. Mas para quê tudo isso, para quê tudo isso, para quê tudo isso. Enfim, eu vou ter que me assumir. Eu comigo só. E não me pisar, não me machucar, nem pisar, nem machucar. E ser livre dentro de mim. Sentir alegria, que ando um pouco triste. E ler. Os poemas de Rilke me transportam. É lindo demais. Algo acontece dentro de mim que não sei o que é. Será uma possibilidade? Viver, viver o dia de hoje, leve, feliz.

Depois ainda vou limpar a mazela (o depósito de tudo), uma limpa e tantas. Daí fica tudo bem. É sempre assim. Organizo minhas emoções, tiro o pó delas.

Sonhei que o telefone bateu. Eu fui atender, mas antes que eu dissesse um alô, ouvi a voz da Erica dizendo: Marlies, sou eu! Tão bom ouvir a voz dela. Só depois veio a voz da pessoa que queria falar comigo.

E os feltrinhos que se fizeram porque isso é assim?

“No pregunto por las glorias ni las nieves,

Quiero saber donde se van juntando las golondrinas muertas,
Adónde van las cajas de fósforos usadas”.

“El interrogador”, de Salvo El Crepúsculo, Cortazar, 1984.

E veio o dia em que não consegui mais jogá-los no lixo. Tornaram-se compressas, compressas para o frio, para a dor. Ou paisagens íntimas das roupas usadas por nós?

Mais azuis quando tinha mais calça jeans em casa, mais claras quando as calças jeans foram saindo de casa. A saída dos meus filhos de casa ficou registrada nos feltrinhos.

Fui interrompida pelo destino e a argila teve que esperar. Mas a vida não espera, ela segue vivendo. Aquarelei muitos céus para prender

as pipas que a Regina bordou para os convites do aniversário de Tomtom. Mandei recortar em madeira enfeites de Natal que eram da casa da minha infância. Eu os queria iguais. Depois, pinte um por um e dei para as minhas amigas, que foram mais amigas impossível.

No dia primeiro de outubro do ano passado, sonhei que iria fazer a árvore número vinte.

Fiz a árvore vinte. A primeira depois.

Com argila vermelha canadense. Só um tronco velho, sem galhos, morto. Feio. Passei *Mn, Co*, 1742. O tronco é oco, poderia sair algo de dentro. Vida? Papel de seda? Uma flor?

Tirei o excesso, depois passei burnt orange (Duncan, CC 144), bem esfregadinho com o dedo. E mais óxido de ferro esfregado na parte superior do tronco.

Gosto de não combinar nada com ninguém. De agora em diante, só quero combinar muito de vez em quando.

Vimos “Santiago”, de João Moreira Salles.

Em função da exposição, que quero deixar pronta, fui obrigada a rever minhas páginas da manhã. Meu Deus, que trabalheira! Ajeitei toda uma mesa só para fazer isso. Mas foi revelador. Poder constatar que, no meio de tanta merdinha, existe alguma luz, foi muito bom. Alguma esperança. Ter a certeza de que algumas coisas foram não só compreendidas, mas estão sendo vividas, quem sabe com o coração ainda um pouco ligeiro, mas não saindo pela boca, foi bom demais.

Tive uma idéia: ir comprando todos os bichos de pano velhos (aqueles que vendem no Bric), os que ficam largados, abandonados. Levava um por um para a lavanderia e depois remendava e cuidava deles.

Fui caindo de uma altura imensa, bem devagarinho. Tão devagarinho que não sentia medo nenhum. Nem sabia onde ia cair. O medo só veio quando eu vi o quanto me distanciava.

“Por grande que sea el mundo

Hay los recortes de uñas, las pelusas,

Los sobres fatigados, las pestañas que caen.

? Adónde van las nieblas, la borra del café,

Los almanaques de outro tiempo?”

“El interrogador”, de Salvo El crepúsculo, de Julio Cortázar, 1984.

Não falei ainda das pontas dos lápis que se acumulam e que eu vou guardando em potes de geléia. Tem um vidro em cada lugar onde escrevo.

E os dois cavalinhos que faziam parte de um castelo que ainda existe? Assim como o rei, a rainha, os príncipes e os súditos. Os móveis, a carruagem. Os cavalos puxavam a carruagem real, que também ainda existe, mas não anda mais. De todo esse brinquedo, que tem já seus quarenta anos, só quebraram as pernas dos cavalos. Os pedaços das pernas foram perdidos e desde aí os cavalinhos jazem na nossa sala, como lembrança. Eles são um objeto/ lembrança, quase amuleto da infância.

Penso em colocar as pontas dos lápis numa tigela de cristal. O grafite, mais pesado, fica no fundo. Como os feltrinhos, também isso foi se fazendo, e eu de olho. Para mim significam tudo que não

escrevi, são poemas a serem escritos um dia. Um dia qualquer.
Sobre os cavalinhos, ainda não decidi.

Penso copas.

Limpar argila do tonel.

Tronco para três braços em argila branca e pintados com vermelho cristal.

Pensar em como subir com o tronco. De outra forma, de outra.

Limpei o resto da argila.

Pensando em árvores bem coloridas.

Que bom, modeliei a árvore 22 em 4 partes:

A primeira com raízes, a segunda e a terceira lisas para ganhar altura, e uma copa, mas ainda não sei dela.

Amanhã cedo coloco textura.

E modeliei uma coisa que me agradou: minhoca batida com o punho e enrolada no comprimento.

Agora quero pensar num tronco novo.

Onde ficou a vontade? Não sei. Tá magrinha a vontade.

Li e vi muito da Paula Modersohn-Becker.

Hoje tem aula de bordado, coisa melhor.

Li "*Madame Bovary*", de Flaubert.

Pena, ontem eu queria ter começado a ler sobre as virtudes. A cabeça cheia de merdinhas.

Fazer geléia é retomar algo muito importante. A Célia pensa como eu.

Em 30.7.07, morreu Ingmar Bergman. Ponto.

Só me tenho, não escapo de mim. Tenho que me haver comigo.

É isso. Sempre de novo. Todos os dias da vida. Ainda ontem, falando com O. L., eu também penso coisas que pediria a Deus nunca ter pensado.

Ontem não me lembrei mais da hóstia. Foi como se nunca tivesse tomado uma. Em 2003 (lá por maio, junho), comecei a fazer exercícios do zodíaco, comecei e gostei. Larguei e nem me lembro mais. E assim por diante.

Só em 9.9.1995 que eu vi, pela primeira vez, o avesso do tecido.

Visitei a 6ª Bienal do Mercosul, "Conversas".

Sonhei que a Marion comprava cílios postiços no Uruguai. Pedi que me comprasse também. Tentei colar uns que ela me deu, mas não consegui e desisti. Era muita trabalhadeira.

Emendei com um sonho, em que eu andava na neve e fazia aquele barulhinho...

Posfácio sobre o tempo

Um dia, fui passear de ônibus com o meu neto Klaus, que devia ter seus quatro aninhos na época.

Pegamos o ônibus no seu fim da linha.

Klaus quis sentar no primeiro banco.

Eu ainda não era idosa, faltava um pouco.

Expliquei para ele o uso daqueles bancos, ao que Klaus me respondeu:

“Vóvó, quando eu sê velhinho, eu vou sentar junto contigo”.

Levando Tomtom de carro para o aeroporto com sua mamãe, ele me falou assim:

“Vóvó, quando você era bem pequeninha, eu botei você em cima de uma árvore com muitos brinquedinhos”.

Lia Menna Barreto
Vera Chaves Barcellos
Meg, Maechthild Brinck
Paulo Volkmann
Giselinha, Gisela Waetge
Tereza Kovács
Bourgeois, Louise
Olívio Dutra
Marilene Pieta
O.L. = Oto Lara = Marilene Pieta
Fávero, amigo
Gisela Ritter
tchácara = chácara da Vera e do Patrício
Constança Ritter Pondé, minha filha
José Vermeersch, ceramista belga
Dra. Gudrun Burkhard
Cristina Germann
Klaus Teixeira Ritter, meu neto mais velho
Adelaide Tomaselli
Marta Filippi
Dóris Grossman
Lela, Gisela Waetge
Erica Siemsen
Regina Jung
Tomtom, Antônio Ritter Pondé, meu segundo neto
Célia Cymbalista
Marion Bronger

Os apontamentos deste caderno, foram tirados aleatoriamente de diários, escritos da madrugada, e anotações de atelier. Eles cobrem o tempo que levei para finalizar e apresentar a mostra "Sem título", na Galeria Bolsa de Arte, no ano 2009.

Marlies Ritter